



GRUPO
COMUNICAÇÃO E CULTURA:
**BARROCO
ORALIDADES E
MESTIÇAGEM**

**PEQUENO ALMANAQUE DE
CULTURA BARROCO-MESTIÇA
VOL. II**

Plano de Incentivo à Pesquisa

PIPEq
PUC-SP

educ

São Paulo
2022



PUC-SP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Reitora

Maria Amalia Pie Abib Anderj

EDITORA DA PUC-SP

Direção:

Thiago Pacheco Ferreira

Conselho Editorial

Maria Amalia Pie Abib Anderj (Presidente)

Carla Teresa Martins Romar

Ivo Assad Ibri

José Agnaldo Gomes

José Rodolpho Perazzolo

Lucia Maria Machado Bógus

Maria Elizabeth Bianconcini Trindade Morato Pinto de Almeida

Rosa Maria Marques

Saddo Aq Almouloud

Thiago Pacheco Ferreira (Diretor da Educ)

educ

Rua Monte Alegre, 984 - Sala S16

CEP 05014-901 - São Paulo - SP

Tel./Fax: (11) 3670-8085 e 3670-8558

E-mail: educ@pucsp.br - Site: www.pucsp.br/educ

**Grupo Comunicação e Cultura: Barroco,
Oralidades e Mestiçagem**

Organização e Edição

Amálio Pinheiro e Luís Fernando Pereira

Revisão

Luíza Spínola

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação

João Lucas Noqueira

Arte da Página de Abertura

Karina Sousa

EDUC - Editora da PUC-SP

Direção

Thiago Pacheco Ferreira

Produção Editorial

Sonia Montone

Editoração Eletrônica

Waldir Alves

Gabriel Moraes

Administração e Vendas

Ronaldo Decicino

Copyright © 2021. Foi feito o depósito legal.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Reitora Nadir Gouvêa Kfoury/PUC-SP

Pequeno almanaque de cultura barroco-mestiça / orgs.

Amálio Pinheiro, Luís Fernando Pereira. – São Paulo: EDUC, 2021

v. II ; 18 cm.

Bibliografia.

ISBN: 978-65-87387-41-3

Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco, Oralidades e Mestiçagem

Apoio financeiro Pipeq.

1. Cultura - Modelo semiótico. 2. Comunicação e cultura - América Latina. 3. Miscigenação - América Latina. 4. Antropologia. 5. Semântica (Filosofia). 6. Mestiçagem - América Latina. I. Pinheiro, Amálio. II. Pereira, Luís Fernando. III. Título.

CDD 306.4022

Bibliotecária: Maria Lúcia S. Pereira CRB 8ª / 5754

INVENTÁRIO

Alpendre, 11 e Duende Iauaretê, 55

João Lucas Noqueira

Ambiente, 16

Solange Alboreda

Animais, 21

Micheline Verunschik

Bairro, 27

Vito Antico Wirgues

Bunda, 33, Gesto, 81 e Paisagem, 98

Isabel Rebelo Roque

Caderno, 37

Ariane Azambuja Salgado

Caixa, 43

Audrei Aparecida Franco de Carvalho

Colônia-Coral, 47 e Fronteira, 69

Luís Fernando Pereira

Cordel, 50

Antonio Iraildo Alves de Brito

INVENTÁRIO

Fluxo, 61

Giuliana Angelini

Folia, 64

Karina Sousa

Frutas, 74

Amálio Pinheiro

Natureza, 86

Mila Goudet

Nheengatu, 93

Orlando García

Provérbio, 104

Abreu Paxe

Também, 110

Maria Fernanda de Mello Lopes

Tradução, 117

Mara Lafourcade Rayel

Voz, 121

Luiza Spínola



ACONCHEGO
TRANSIÇÃO

**APEN
ADRE**

INTERLÚDIO
LUA MINGUANTE REDE



AL -pendre é borda. Marco poroso da transição. Fronteira permeável entre o interno e o externo. Não divide pois não separa. Une dentro e fora enquanto pórtico coberto. Cobre simplesmente, como manjedoura (Adalberto Alves, 2013) que protege encontros. Para o funcionalismo da modernidade, é apenas membrana para bloqueio térmico. O alpendre se sacrificaria expondo-se ao sol para garantir o conforto-útero. Engano. As casas já eram excelentemente climatizadas com suas alvenarias de fortificação com argamassa de cal (Maria do Carmo Bezerra, 2012).

Perdem os tecnicistas funcionais o melhor do alpendre: as trocas, os possíveis, a transição, o interlúdio. Pousa para as jornadas nômades. Percursos comuns para quem carrega o castanho mourisco nos alforjes da pele, para quem pisa protegendo o calcanhar com as alpercatas barrocas da civilização em desalinho com a história. Lugar de histórias sob a luz das violas em cantoria com a lua. Lua que quando minguante torna-se modelo para as redes de alpendres, pendurada nos armadores do céu. Toda rede que se preza, inclusive, tem varanda rendada, como os alpendres rendilham avarandando as arquiteturas do aconchego. Não há alpendre sem redes armadas. Preguiça do mormaço. Atenção no

horizonte. Câmara Cascudo sugeriu que Sigmund Freud só usava o divã para a análise porque nunca se deitou numa rede (Diógenes da Cunha Lima, 2018). Certamente facilitaria seu trabalho, se armada em um alpendre, balançando as brechas do fora-dentro. O alpendre, afinal de contas, rompe com a lógica do que é fora e do que é dentro. Permite a chegada, a conversa e a partida. Recebe, acolhe e protege o viajante sem que seja necessário escangotar as portas da intimidade.

Até as décadas iniciais do século XVIII é elemento inexistente, ou de rara presença na arquitetura civil do sertão. Com o declínio da pecuária e o início da valorização da agricultura nas décadas finais do XVIII e início do século XIX, segue-se relativa tranquilidade do ambiente. Um novo espaço se forma na casa do sertão, uma membrana, uma interface, um limite vivo de troca da casa com o ambiente externo imediato. Efetiva-se um espaço que ao mesmo tempo que acolhe aquele que vem de fora e o protege, resguarda o que está dentro. Ademais, o alpendre tornar-se-ia também como uma área de uso múltiplo, que de pronto, adapta-se às necessidades de uma alteração programática. (Daniel Ribeiro Cardoso, 2008)

Avesso do avesso das arquiteturas arábigo-andaluzas, que abrem-se dentro de si próprias, nos livres pátios de seus centros alpendrados. Talvez o sertanejo veja o mundo como

ALMANAQUE DE CULTURA BARROCO-MESTIÇA

um árabe andaluz nômade-mestiço: o mundo externo é o verdadeiro interior de sua casa, seu pátio alpendrado. O interior da casa é onde se entra para sair, abrigo de refúgio e descanso.

Cabe o mundo no alpendre. Lugar do possível, não se limita ao uso funcional. Espaço mestiço que incha seus sentidos a cada nova agregação.

Espaço do entre, a varanda sertaneja é lugar do inusitado. Entre – vocativo de chamamento, aboio das almas vagantes, muezim da siesta na hora das miragens. As horas abertas, sem defesa, em que os demônios do meio-dia libertam-se e só se detém nas soleiras (Natércia Campos, 2011).

Adalberto Alves. *Dicionário de arabismos da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2013.

Daniel Ribeiro Cardoso. *Desenho de uma poiesis - comunicação de um processo coletivo de criação na arquitetura*. Doutorado (Comunicação e Semiótica) – PUC-SP, São Paulo, 2008.

Diógenes da Cunha Lima. *Câmara Cascudo: um brasileiro feliz*. São Paulo: Dragon, 2018.

Maria do Carmo de Lima Bezerra. *Notas sobre as casas de fazenda dos Inhamuns*. Brasília: Senado Federal, 2012.

Natércia Campos. *A casa*. 3ª ed. Fortaleza: Impreco, 2011.